

## Sistema de Filosofia III – Filosofia do Espírito

FRAGMENTO 20.<sup>1</sup>I. Potência<sup>[282]</sup>

O primeiro é como o espírito, o produto da razão, o meio como seu conceito, enquanto é consciência [*Bewußtseyn*], e ali se realiza, ou, como memória e linguagem; esse meio a partir do qual produz, pelo entendimento e a razão formal a oposição prática e lhe suprassume no trabalho.

<sup>[283]</sup>A consciência em sua potência ideal enquanto conceito elevou-se imediatamente da sensação; a sensação é enquanto ideal posta como uma singularidade suprassumida, pela qual o *ser-outro* [*andersseyn*] é um outro exterior a ela,<sup>1</sup> não é imediatamente ela mesma. A idealidade do sentir emerge, ou torna-se imediatamente para a consciência, que a sensação se torna um ser oposto em si, que tem seu *ser-outro* [*andersseyn*] em si mesmo; e que precisamente por isso, o sentido e o que sente sejam nela mesma um universal. A sensação como singular deve tornar-se infinita. A singularidade como tal, que nela é infinita, de modo que ela nessa singularidade permaneça em sua determinidade inteiramente em si mesma, ou a infinidade separada na existência imediata de seu conceito, é tempo e espaço, e a consciência intui imediatamente no espaço e no tempo, no espaço [intui] o singular enquanto um subsistente, e seu *ser-outro* [*andersseyn*] no exterior de si, mas como esse ser singular é simultaneamente posto no tempo, assim é subsistente como um ser efêmero, enquanto um ser ideal em si mesmo [*als ein an ihm selbst ideelles*], não mais sendo quando ele é; não que ele não faça outra coisa que passar no tempo, mas porque é posto pela reflexão como sendo no tempo. Ela [a consciência] não intui o espaço e o tempo como tais, eles são para si universalidade vazias, em si [*an sich*] idealidades superiores, conceitos, na medida em que somente [a consciência as intui] como sendo universalidade e não sendo; na medida em que os põe como singularidades particularizadas,

<sup>1</sup> HEGEL, G.W.F. *Jenaer Systementwürfe - Das System der Spekulativen Philosophie* – Fragmente aus Vorlesungsmanuskripten zur Philosophie der Natur und des Geistes. Hrgs. Klaus Düsing e Heinz Kimmerle. Hamburg: Felix Meiner, 1986 pp.282-300. Tradutor: Paulo Meneses SJ [UNICAP], revisor: Márcio Egídio Schäfer [PUCRS] e Danilo Vaz-Curado R.M. Costa [UFRGS]. As interpolações numéricas<sup>[282]</sup>no texto, referem-se as páginas na edição original, facultando ao leitor interessado o confronto com o original alemão.

<sup>1</sup> Ao lado na margem: uma outra sensação como do senciante, ou um outro sentir da coisa, o que é o mesmo.

preenchidos; <sup>[284]</sup>de modo que também, como espaço e o tempo são seu universal positivo, assim faz deles, de maneira imediata e formal o contrário deles mesmos e os particulariza; aquele ser da consciência é teórico, passivo, como prático; aquele lado [o teórico] é, consiste em que ela esteja na forma da universalidade passiva, e esse [o prático] na medida em que ela é ao mesmo tempo a universalidade negativa, e ela mesma particulariza essa universalidade. Essa forma da consciência [*Bewußtseyn*] é a imaginação empírica [*empirische Einbildungskraft*]; enquanto universalidade positiva está a intuição na continuidade do tempo e do espaço em geral; mas ao mesmo tempo, ela rompe e singulariza o que a constitui em singulares determinados, isto é, fragmentos preenchidos, do espaço e do tempo.

b. – Mas essa singularização permanece imediatamente no elemento do universal da consciência, e nesse mesmo, em seu espaço universal e em seu tempo universal; porém a) de tal modo que esse espaço e tempo da consciência [*Bewußtseyn*] sejam imediatamente tanto uma simplicidade absolutamente vazia como uma simplicidade preenchida; aquelas singularidades do intuir são igualmente [na consciência] singularidades que desapareceram, e esta é sua possibilidade universal. Enquanto que compreendidas nessa possibilidade vazia essas singularidades foram libertadas do lado da sensação, que tinham em si [*an sich*], o lado da sensação era sua singularidade, uma conexão externa de umas com as outras segundo sua necessidade, doravante elas só pertencem a universalidade da consciência. Mas este agora absoluto, seu tempo vazio é e seu espaço vazio se particulariza de novo e faz voltar esses fragmentos para ela. <sup>[285]</sup>Essa particularização consiste primeiro, segundo o conteúdo através daquelas primeiras representações sensíveis, mas o universal que é particularizado é o elemento universal da consciência mesma, é sua infinidade vazia enquanto tempo e espaço; a lembrança na consciência mesma das intuições tidas outrora, ou em outro lugar; nela a determinidade da sensação, o isso do tempo e do espaço são abolidos, e sua sucessão e coordenação aparecem como livre, essa [sucessão e coordenação] é de todo indiferente no que concerne ao elemento universal; e [consiste] em uma reprodução ativa, porque é esse elemento universal que é particularizado. Esse ser formal da consciência não tem verdadeira realidade, é algo subjetivo, [que] não existe exteriormente; mas é somente enquanto forma do conceito puro e abstrato da infinidade, imediatamente enquanto tempo e espaço, como esse conceito é enquanto consciência; e a consciência compreendida como essa imaginação empírica é um vazio desprovido de verdade, que consiste em sonhar, desperta ou dormente, de maneira vazia, em uma loucura persistente, ou

em um estado doentio passageiro, a consciência quando recai no organismo animal, só é enquanto seu conceito.

Essa consciência muda é o ser formal [*formale Seyn*] em seu elemento universal da infinidade e ela só é a particularização formal desse elemento universal;<sup>[286]</sup> ela deve obter uma existência, tornar-se exterior, ou que foi assim distinguido na intuição, de maneira formal, deve ser posto como um ser exterior ao sujeito, no qual os dois opostos, o que intui e o que é intuído, se separam e a consciência é enquanto meio [*Mitte*] existente. Essa existência da consciência será um ser formal igualmente imperfeito, enquanto ela é como universal. Ela [a consciência] nada pode exprimir em si, [como] que a não ser o que é intuído deve em geral ser posto como um ser outro do que ele é; e que nisso contudo a consciência não seria verdadeiramente para si; que ela seria só um ser referindo-se ainda à oposição, à subjetividade, ao ser do sujeito; como também esse ser que é oposto ao sujeito, mas que precisamente permanece o que é, ele tem ainda seu ser para si, e seu ser-outro só é posto como um dever-ser outro; a consciência como seu conceito decompondo-se no espaço e tempo é para exprimir-se assim, demasiado impotente, para suprimir [*aufzuheben*] perfeitamente a oposição do sujeito e do objeto e para representar no processo pelo qual ela se torna exterior, o *ser-um* efetivo daqueles como mais do que um dever-ser [*ein Sollen*]. A consciência tomada como esse meio existente de seu conceito só é signo em geral, em que um intuído, como um arrancado de seu contexto e posto como referido a um outro, mas idealmente [*aber ideell*], de tal maneira que em verdade subsiste ainda em seu contexto; a designação é a sua idealidade sendo exterior a ele, e ele mesmo é um subsistente, uma coisa, infinita nisso, mas<sup>[287]</sup> que tem uma outra significação do que ela é, posta como um outro do que ela é para si; contingente para aquilo de que é signo; ela mesmo sendo não é mais para si. O *ser-suprassumido* [*aufghobenseyn*] do que é intuído está tão pouco no signo, que nele não é posto o ser-suprassumido do sujeito, a significação do signo só é em relação com o sujeito; depende do seu arbítrio, e somente pelo sujeito mesmo que se pode compreender o que ele se faz como pensar; e ele não tem em si mesmo sua significação absoluta, isto é, o sujeito não é suprassumido nele.

c – Essa designação muda deve suprimir absolutamente a indiferença da subsistência dos membros ideais; a significação deve ser para si; oposta ao que significa e para que [o significante] tenha a significação; igualmente, o signo, tomado como um signo efetivamente real,

deve desaparecer imediatamente. A idéia dessa existência da consciência é a memória, e sua existência mesma é a linguagem.

A memória, a Mnemósine dos Antigos, conforme sua verdadeira significação, não consiste em que a intuição ou qualquer coisa do gênero sejam os produtos da memória mesma no elemento universal, e que tudo isso seja mencionado a partir desse elemento, para ser particularizado de uma maneira formal que não concerniria ao conteúdo; mas consiste antes em fazer daquilo que chamamos intuição sensível, o assunto da memória, em algo pensado. A forma do espaço e do tempo, no qual eles [os produtos] têm o seu ser outro fora de si, igualmente [se]suprassume no tempo somente idealmente e se põe em si mesma como outra dela mesma. Aqui a consciência obtém pela primeira vez uma realidade, que somente no espaço e no tempo ideais, i.é, no ser outro obtido fora de si aniquila a relação<sup>[288]</sup> ao exterior, e esse ser posto idealmente por si mesmo, que se transforma num nome. No nome o seu ser empírico, o fato de que seja algo de concreto, de múltiplo em si, de vivo e existente, é suprassumido e é transformado em si simplesmente num puro [ser] ideal [ideellen]. O primeiro ato pelo qual Adão estabeleceu seu domínio sobre os animais consistiu em dar-lhes um nome, quer dizer a aniquilá-los enquanto entes, e fazer deles seres ideais para si. O signo enquanto signo era antes um nome, que era ainda, para si, alguma coisa de outro que um nome, uma coisa, e o designado tinha seu signo fora de si; não era posto como algo de suprassumido. Do mesmo modo, o signo tinha sua significação não nele mesmo, mas somente no sujeito; devia-se ainda e especialmente saber o que era visado por ele. Mas o nome é em si, permanente, sem a coisa e sem o sujeito. No nome, a realidade para si do signo é aniquilada.

O nome existe como linguagem. Ela [a linguagem] é o conceito existente da consciência, que não se fixa, igualmente não cessa, mesmo quando ele é; existe no elemento do ar enquanto exterioridade da fluidez livre e sem forma, porque sendo absolutamente no exterior dele mesmo, mesmo quando é, possui a existência universalmente comunicativa; a voz vazia do animal obtém uma significação infinitamente determinada em si. O que a voz tem de puramente sonoro, o vogal, se diferencia em si mesma, na medida em que o órgão da voz indica sua articulação na diferenciação da voz; Esse<sup>[289]</sup> puramente sonoro é interrompido pelas mudas, o que propriamente refreia a simples sonoridade, e, sobretudo aquilo pelo que cada som obtém uma significação para si; onde as distinções da pura tonalidade no canto não são distinções determinadas para si, mas determinam-se somente pelo som precedente e pelo seguinte. A linguagem enquanto linguagem

sonora articulada é a voz da consciência, na qual cada som tem uma significação, o que quer dizer que nele existe um nome, que é a idealidade de uma coisa existente; e não-existência imediata da mesma.

Por infinita que seja a linguagem em si mesma na sua simplicidade, ela se interrompe enquanto infinidade da consciência em si mesma, ela organiza-se, articula-se; torna-se uma multiplicidade de nomes. Igualmente ele se retoma a partir da multiplicidade absoluta; como tal, o nome só é nome de uma coisa singular; ela [a linguagem] consiste na relação entre os nomes, ou, de novo, na idealidade de sua multiplicidade mesma e exprime igualmente essa relação, isso é, o que se tornou universal; ou ainda, torna-se entendimento; no elemento universal da linguagem, os nomes só são ideais em si segundo a forma, e exprimem o concreto, o determinado; mas a unidade do elemento em que se encontram, faz que sejam postos ao mesmo tempo como nomes determinados, isso é, diferentes uns dos outros, e sua relação é posta, ou eles mesmos como absolutamente particulares, ou seja, igualmente, como nomes que se suprassumem em sua determinidade. O azul é primeiro arrancado à continuidade de seu ser, desprendido da realidade múltipla, dessa realidade particularizada na qual é; mas ainda é sempre essa determinidade. Contudo, na memória, ele é ao mesmo tempo para si, mas é também, simultaneamente, ao lado de outros [nomes], e <sup>[290]</sup> ligado aos outros pela unidade negativa da memória; é posto como esse ser-ligado, em si um universal, conforme a determinidade de seu conteúdo, um outro do que ele é; ele é cor e conceito de entendimento, conceito determinado. É o universal de diversas cores; mas não uma extração dessas mesmas cores, porém uma abstração, i.é, sua determinidade é imediatamente suprassumida no seu ser. O azul é para o Espírito nessa potência enquanto cor.<sup>2</sup>A singularidade da sensação foi elevada por esses degraus até ao conceito determinado, nisso que posta na intuição empírica, em geral como um ente que se encontra no tempo e no espaço, foi posta de modo totalmente formal como algo de suprassumido, mas de maneira que esse ente permaneça, no espaço e no tempo, perfeitamente para si e que só se exprima a seu propósito senão a exigência de que ele seja suprassumido; no nome se realiza o pôr idealmente da intuição empírica. Porém o nome mesmo é ainda uma idealidade singular; a unidade negativa a consciência deve igualmente ligar esses nomes um ao outro, enquanto no elemento universal da consciência eles se encontram em repouso, justapostos e separados uns dos outros; e nessa relação suprassumir a singularidade do seu conteúdo, e fixá-los [como

---

<sup>2</sup> Segue na próxima linha sobre o texto de base: determinação [ Bestimmtheit ].  
*Fragmento 20 - Jenaer Systementwürfe*

nomes] ligados em conceitos do entendimento. Ao considerar a consciência como tal, como uma unidade do que nela aparece como ativo, então a consideração da consciência tal como aparece na oposição, enquanto ser subjetivo e ser objetivo, não tem significação para nós. Não consideramos os momentos da consciência que se organiza nem do lado do sujeito sob a forma de faculdades, inclinações, paixões, tendências, etc, nem do outro lado da oposição, tomado como uma determinidade das coisas, mas os consideramos como é absolutamente para si, enquanto unidade e meio dos dois lados; há nela mesma o movimento de um<sup>[291]</sup> ser ativo contra um ser passivo; mas tomada como o movimento mesmo, ela é o Uno, em que a oposição é só ideal, uma oposição suprassumida em si, todos os momentos desse mesmo Uno são no que é ativo enquanto faculdades e inclinações, bem como determinidades do outro; mas a essência é o meio; e o meio da consciência, como a consciência é enquanto momento, na articulação da totalidade pertence aos dois lados; ou ainda, ambos os lados estão ligados ao esse meio, mas determinados segundo sua oposição; na intuição empírica, um dos lados é o que intui empiricamente; outro, o que é intuído empiricamente, o que dá o nome e o nomeado, assim o que concebe, o outro o que é concebido. É supérfluo notar isso; mas no entanto é totalmente errôneo considerar esses momentos da consciência na intuição empírica como na memória e no ato de conceber, como momentos que seriam justapostos, a partir dos dois lados da oposição, como se deles contribuísse como uma parte ao Uno; e é totalmente errôneo perguntar o que seria, nessa justaposição, o lado ativo de cada parte; esse é o ponto de vista da consciência comum, para a qual a consciência nunca é senão um dos lados da oposição, e que se representa que o indivíduo, tomado na determinidade como ativo, seria a essência, mas que haveria, diante dessa consciência assim determinada, algo de contingente, que ela poderia ter, mas também não ter. Sobre esses momentos ela [consciência] tem poder e arbítrio, uma propriedade, onde ao contrário a consciência é a essência, o espírito, a substância absoluta que tem em si a atividade, como um dos lados da oposição de sua infinidade, mas essa atividade é somente absolutamente ideal enquanto suprassumida. É, pois se colocando inteiramente no ponto de vista da oposição que se formam o pretense realismo e o pretense idealismo, e que disputam sobre a questão de saber, se esse fato justamente, que alguma coisa é da cor, é fundado no objeto ou no sujeito, no lado da atividade ou<sup>[292]</sup> no lado da passividade da consciência, de tal sorte que esses dois lados subsistiriam absolutamente, em e para si, e não seriam antes, na consciência mesma, somente como suprassumidos. O primeiro [realismo] só deixa ao sujeito a atividade formal de

comparação entre as semelhanças dadas; o idealismo, que considera o lado ideal da oposição como o que seria absolutamente real, sendo para si, como substância absoluta, não deixa absolutamente nada ao objeto. Nada há de racional a dizer sobre uma disputa tão irracional; a cor está em suas três potências: na sensação enquanto determinidade do azul, por exemplo, depois também formalmente enquanto conceito e idealmente enquanto nome, como ligado a outros, oposto a eles e ao mesmo tempo igual a eles porque são da cor; e ela é portanto simplesmente enquanto cor. O realismo e o idealismo separam essa totalidade essencial das três potências da determinidade; o realismo assevera que a determinidade seria para si, como o seria igualmente o ser-ligado, na medida em que esse ser-ligado é ao mesmo tempo, oposto ou como o seria a universalidade da cor, na medida em que está fixada na não-indiferença das cores, e deixa à consciência, ao sujeito, um dos lados da terceira potência, o que consiste em extrair, isolar, abstrair o ser ligado, ou o universal que se encontra já na não-indiferença.

O idealismo reivindica para o sujeito as duas últimas determinidades, e sem dúvida também a primeira determinidade do azul. A disputa se trava, na realidade sobre a potência do meio, em luta no interior dela mesma, onde as determinidades como tais e o ser-ligado, são postos ambos simultaneamente como Uno e como distintos.<sup>[293]</sup> Ressalta do que precede que a determinidade, tomada como sendo-para-si, pertence à natureza, e compreende-se como a cor se torna totalidade; ao mesmo tempo, a determinidade só é em relação a seu ser-suprassumido, ou ao espírito. Ela é enquanto sensação singular; o espírito mesmo como sensiente é animal, mergulhado na natureza; elevando-se à relação e à distinção entre as cores, assim que ao surgimento delas enquanto cores, isso é, enquanto conceito a natureza da cor se faz espírito; ela é enquanto cor determinada, mas também se pode dizer que ela não é enquanto cor determinada. Para o sujeito mesmo, para retomar a maneira como o realismo e o idealismo apresentam, da maneira mais crua, a questão litigiosa, a de saber, se fora dele, as cores determinadas, distintas mas ligando-se uma às outras, no que as distingue, são algo de todo independentemente da existência do sujeito; é portanto preciso justamente afirmar igualmente que o sujeito como tal é somente uma singularidade, isso é, um tal [sujeito] fora do qual se encontra a totalidade das determinidades, e igualmente das cores; na medida em que ele não é singularidade absoluta, mas consciência – que as tem nele; mas igualmente na medida em que a determinidade da cor azul não é uma singularidade, que ele é igualmente totalidade da cor, fora da qual não há cor. Mas é um idealismo completamente ridículo aquele que toma o sujeito, o lado ativo da oposição,

enquanto membro da oposição e que, no entanto quer assim mesmo libertá-lo enquanto ele é determinidade, da determinidade, de uma exterioridade [para esse mesmo sujeito]; na medida em que ele é libertado, ele mesmo deixa de ser sujeito, um dos membros da oposição; e é somente o ser Um de ambos, o Espírito da consciência que nós consideramos. Mas não se deve falar, em todo rigor, nem de um tal sujeito nem de um tal objeto,<sup>[294]</sup> mas do espírito, e quanto à ele, vimos como, enquanto totalidade se faz natureza, e como se faz espírito. Enquanto tal sujeito ele somente é como sensação, quer dizer, como uma singularidade cujo ser-outro imediato se encontra no exterior dela mesma; e a articulação da consciência consiste na maneira como essa consciência se faz advir à consciência, na maneira como o conceito interno da consciência se põe como a própria consciência.

A sensação torna-se conceito da consciência elevando-se à memória e à linguagem, mas também somente ao conceito dessa mesma [consciência], ou somente à consciência formal. A singularidade da consciência é posta enquanto singularidade ideal, mas essas mesmas idealidades são uma massa de idealidades, não existem como unidade absoluta; sua massa deve tornar-se diferente na relação de umas com as outras, deve elevar-se até à relação; e essa sua relação, o conceito, o ser-posto.

A linguagem que se eleva ao entendimento retorna com isso a si, suprassume o nome singular ditado – o conceito cai ele mesmo, como toda outra coisa, na linguagem, e é um [conceito] a comunicar absolutamente. O nome suprassumido ou ainda tomado como um ser posto não segundo seu ser singular, mas somente segundo sua relação, isso é, como nome universal, ou ainda como o conceito deve refletir-se sobre si absolutamente; a linguagem deve assim se desvanecer para o exterior; desvanecer-se na própria consciência. O conceito de entendimento é só a unidade da consciência<sup>[295]</sup> retornando a partir do nome, referindo-se à própria singularidade e é por essa razão um conceito determinado, não a unidade absoluta da consciência; ele deve ser, enquanto conceito retornado absolutamente, isso é, ser não a relação das cores, mas a determinidade absolutamente indeterminada e abolida da relação, a relação pura, a vacuidade absoluta do infinito, o que há de formal na racionalidade, a abstração simples, absoluta da unidade; a reflexão enquanto ponto. A consciência como essa abstração absoluta, tornou-se absoluta em sua relação negativa; extirpou toda determinidade, é puramente igual a si mesma. Mas como esse ser absoluto não é estritamente nada se não for negativo, ele é vazio em si mesmo, e imediatamente o contrário do que queria chegar a ser nele mesmo; frente a esse um

absolutamente vazio, surge a totalidade do ser; o que é negado por ele é, tal como sua negação absoluta, o um da racionalidade formal, a consciência que antes tinha posto em si mesma a singularidade como singularidade ideal, como sendo em si mesma enquanto suprassumida, só pôs para si o que é formal, a idealidade; ela desprende essa idealidade da singularidade e essa obtém uma realidade absoluta. Aquele um da racionalidade formal na medida em que se libertou da singularidade, pôs antes a oposição enquanto absoluto, sem serem determinados um pelo outro, e os membros da oposição se defrontam, como membros absolutamente reais. A consciência se transformou no *ser-um* da individualidade. O *ser-um* da individualidade veio a ser para nós no elemento da singularidade, na terra, e tudo o que pertencia a ele tinha o caráter dessa singularidade; mas esse ponto de reflexão, esse ser-retornado<sup>[296]</sup>a-si-mesmo absolutamente, era só o nosso conceito, ele não está realizado como tal na terra, não existe nela; mas só é posto como exigência, a saber, como divisibilidade infinita, isso é, unicamente como possibilidade infinita de seu ser. Ele só existe na consciência, tomada em seu lado absolutamente negativo; existe só quando a consciência mesma se transforma nesse ponto.

Esse ponto absolutamente simples da consciência é o ser-absoluto da mesma [consciência]; mas enquanto ser negativo ou ainda o ser absoluto do indivíduo enquanto tal, enquanto ser singular; é a liberdade de sua obstinação; o [indivíduo] singular pode transformar-se nesse ponto, pode fazer abstração absolutamente de tudo, renunciar a tudo; ele não pode ser feito dependente, não pode ser obrigado a nada, desprender de si mesmo toda determinidade pela qual deve ser apreendido, e realizar sua independência absoluta e sua liberdade na morte, realizar-se como consciência absoluta negativa. Mas a morte tem nela a contradição em relação à vida; tal como o ponto da reflexão absoluta, a singularidade simples e vazia, que em lugar de suprassumir a singularidade em verdade, não passa ela mesma de uma singularidade absoluta, na qual se defronta a totalidade das determinidades, tomada como uma totalidade sendo-para-si também absolutamente; e essa singularidade é separada da totalidade por um abismo absolutamente vazio e sem relação, e a oposição, assim como sua relação, sua idealidade, tem a forma oposta à forma precedente. A consciência enquanto consciência do indivíduo singular é oposta à dos outros seres singulares, e ela deve agora pôr a singularidade como uma [singularidade] suprassumida, ou como uma coisa existente, diante das coisas existentes; consciência prática.

## II – POTÊNCIA DO INSTRUMENTO<sup>[297]</sup>

Com essa oposição absoluta, a consciência enquanto linguagem, saiu do meio-termo, não é um meio-termo em que os membros da oposição se liguem, e pelo qual se separem; mas é o meio-termo invisível, espírito oculto desses membros opostos. Esse espírito universal e indiferente deve provar-se enquanto espírito infinito, o que faz suprassumindo as singularidades, fazendo-se nascer, *vindo-a-ser* precisamente o meio-termo existente.

A consciência que se tinha organizado na linguagem para ser a totalidade do ideal, tinha partido do conceito de infinidade, e na determinidade da primeira potência, a organização se fizera no elemento da universalidade indiferente, de tal sorte que os opostos, indiferentes em seu ser-um como o são o universal e o particular subsistiam no conceito um no outro, sem que sua contradição tenha sido posta neles mesmos como tais, [um contra o outro]; ou do seu ser oposto<sup>[298]</sup> tinha abstraído, sendo esse para eles um ser exterior, não um ser posto neles. Essa primeira potência passa por si mesma para a potência oposta, no ser oposto absoluto, e assim desaparece esse elemento indiferente da universalidade, no qual os opostos estão em repouso um no outro e tais como emergem da potência precedente, são também absolutamente opostos, sem relação. Aquela unidade teórica, na medida em que se realizou, tornou-se a oposição absoluta de si-mesma, em absoluta singularidade e oposição; e a relação agora posta torna-se uma [relação] prática; a absoluta singularidade deve-se preencher, suprassumir a oposição absoluta; mas na medida em que assim ela se eleva a si mesma [de unidade] prática em totalidade absoluta, ela novamente se torna oposta a si mesma, pois ambos, essa potência prática como a teórica são somente ambas potências ideais, cada consciência põe [as potências] somente na abstração de uma forma da oposição, a teórica na abstração da simples universalidade indiferente, a prática que nós agora consideramos, na abstração da relação absolutamente diferente e absolutamente oposta.

O Um absoluto da reflexão é ele mesmo somente como o negativo através da negação, isso é, pela relação a um ser oposto, é essencialmente ligado [a esse oposto]; na sua reflexão absoluta libertou-se da relação a um outro, mas a reflexão absoluta ela mesma só é como essa relação a um outro; a consciência enquanto reflexão absoluta só mudou a forma da oposição e da relação; ela relaciona-se a um ser absolutamente oposto, a uma coisa morta, e é a

contradição de uma relação a um ser que não está absolutamente em relação; a relação deve realizar-se, e a consciência<sup>[299]</sup> absolutamente singular está dirigida contra si bem como ao seu próprio aniquilamento enquanto esse absoluto *ser-singular* [*Einzelseyn*], e a consciência é enquanto relação prática.

O desejo ANIMAL [*Die ANIMALISCHE begierde*] é um estado de consciência animal no qual o aniquilar se refreia, os membros da oposição somente são postos como suprassumidos (*als aufzuhebende*); o desejo é o que deve ser aniquilado; igualmente o desejado deve efetivamente suprassumido e sua idealidade, um refreamento do mesmo, no tempo são dissociados um do outro, mas o vir-a-ser efetivo da suprassunção, quando o aplacar do desejo é uma suprassunção imediata, sem qualquer idealidade, sem consciência; o desejo humano deve ele mesmo ser suprassumido idealmente, ser suprassumido, e igualmente o objeto na medida em que torna-se suprassumido, permanecer, e enquanto o meio enquanto o permanecido é o vir-a-ser suprassumido de ambos, ambos existem opostos, a relação prática é uma relação da consciência, isto é, a simplicidade do aniquilamento deve dissociar-se em sua simplicidade mesma, ser algo de refreado e de oposto em si. A simplicidade do aniquilamento deve ser a unidade universal, o ser-suprassumido de ambos os opostos, e ao mesmo tempo o meio, em que eles são um, e eles enquanto se separam de seu ser-um, de seu ser-suprassumido. Isto é, um dos lados da oposição, o que aparece como ativo, o ser-um da individualidade, deve trabalhar o outro lado, o que aparece como passivo. No trabalho o desejo arranca o objeto a aniquilar de seu contexto em geral, o particulariza e o põe como ligado a um ser desejanste;<sup>[300]</sup> na medida em que o desejo é como tal, assim [são] ambos os lados da oposição subsistem nessa relação, ambos em repouso; somente suprassumidos idealmente, devem como o que visa o aniquilamento; suprassumir o objeto e a si mesmo; mas nesse suprassumir mesmo deve ser consciência de uma idealidade da suprassunção. Assim o indivíduo enquanto trabalhando é ativo, e o objeto torna-se suprassumido, no subsistir de ambos. O desejo no seu aniquilar não chega a satisfazer-se, e o objeto continua igualmente a subsistir, mesmo quando é aniquilado. O trabalho é essa consciência prática enquanto relação universal e ser-um de ambos; igualmente ela deve ser meio, enquanto eles se relacionam como opostos, e no qual permanecem enquanto são essas realidades separadas; pelo qual o trabalhar enquanto tal tem sua existência permanente, ele mesmo [é] uma coisa. O instrumento é o meio racional e existente, a universalidade existente do processo prático; ele aparece do lado do sujeito, do que é ativo contra o passivo; e ele mesmo é passivo conforme o lado do trabalhador, e

ativo contra o que é trabalhado. Ele é aquilo em que o fato de trabalhar tem sua permanência, é a única coisa que resta do trabalhador e do que é trabalhado, e aquilo em que sua contingência se eterniza; ele se implanta na continuidade das tradições, porque tanto o ser desejante como o que é desejado subsistem e desaparecem somente enquanto indivíduos.

*Recebido em abril de 2010  
Aprovado em junho de 2010*